

O EZLN E OS DESAFIOS ANALÍTICOS QUE SEU PERCURSO POLÍTICO SUGERE À TEORIA SOCIAL

Sarah Roberta de Oliveira Carneiroⁱ

Resumo

O presente artigo, tomando como base dezessete comunicados zapatistas, pontua as particularidades do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), ator social de forte oposição ao capitalismo, com o objetivo de demonstrar os desafios que sua singular trajetória política apresenta ao campo da teoria social. A insurgência do EZLN, em janeiro de 1994, demarca a chegada à arena política do México de uma voz contestatória, que convoca não somente a sociedade mexicana e mundial para repensarem os rumos do planeta, mas também desafia as abordagens acadêmicas em torno dos movimentos sociais, e as referências marxistas sobre revolução.

Palavras-chave: EZLN; despossuídos; percurso político singular; novos movimentos sociais; abordagens marxistas.

ANALITICAL CHALLENGES THAT ITS POLITICAL PATH SUGGESTS TO SOCIAL THEORY

Abstract

The present article, built upon 17 Zapatista official reports, points out the particularities of the EZLN, a social actor with strong opposition to capitalism. It aims to present the challenges that EZLN's unique political path offers to the field of social theory. EZLN's insurgency in January 1994 defines the beginning of an opposing voice in the Mexican political arena which urges not only Mexican and international societies to rethink the future of the planet but also challenges the academic approaches regarding social movements and the Marxist references about revolution.

Keywords

EZLN; dispossessed; unique political path; new social movements; Marxist approaches.

ⁱ Sarah Roberta de Oliveira Carneiro é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com estágio doutoral na Université de Strasbourg, e pesquisadora do Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais (Nuclear/UFBA). Suas áreas de interesse são sociologia política e comunicação. E-mail: sarah.palavra@gmail.com.

A proposta do presente artigo¹ é examinar a trajetória política do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) com o objetivo de revelá-la como subsídio empírico que desde sua insurgência, na década de 1990, vem desafiando as interpretações sociológicas acerca dos atores sociais contestatórios.

As práticas zapatistas, assim como muitas outras ações coletivas recentes, apontam para o limite interpretativo das abordagens que se pautam pela clássica tensão capital x trabalho. Para, além disso, o EZLN não pode ser lido com base apenas nos novos repertórios analíticos que se pautam, sobretudo, a partir das referências de identidade e dos direitos difusos, pois o EZLN demonstra que as problemáticas de ordem econômica não estão todas resolvidas e persistem, portanto, como fontes de exclusão.

Em outras palavras, o EZLN é um movimento no qual coexistem distintas dimensões da luta social, de modo que as suas demandas, a sua forma organizacional e a sua concepção de poder exigem a multiplicidade de olhares e lhe afastam das possibilidades: 1) de ser compreendido somente como uma guerrilha latino-americana; 2) de ser classificado apenas como uma revolução nos moldes do roteiro marxista; e 3) de ser visto imediatamente como um novo movimento social que se relaciona mais com a questão identitária e menos com o horizonte da economia.

As sociedades contemporâneas têm experimentado diferentes modalidades de contestação, de modo que a grade teórica que se dispõe a analisar as mobilizações sociais vem sendo alvo de revisões, problematizações e questionamentos.

Neste sentido, alguns estudos estão sendo produzidos, e suas abordagens, de um modo geral, têm sido direcionadas principalmente à compreensão de quais são as clivagens que, hoje, perpassam as sociedades; quais são os sujeitos a elas ligados e como se caracterizam as ações coletivas que vêm sendo chamadas não mais de *Novos Movimentos Sociais*, mas *Novíssimos Movimentos dos Indignados* (Gohn, 2014).

Disposto a evidenciar o emaranhado conceitual sugerido pelo EZLN, o presente artigo se vale não somente das contribuições dos seus estudiosos, mas também da voz dos próprios zapatistas, a qual se faz representada, aqui, através dos comunicados emitidos pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI), a Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CG) e pelo subcomandante Marcos.²

Os comunicados são textos que se opõem ao neoliberalismo, reivindicam liberdade, justiça e democracia; contêm apelos poéticos e aforismos filosóficos, e desde janeiro de 1994, graças ao apoio de ativistas simpatizantes ao EZLN, são disseminados pela Internet. Um conjunto

¹ O presente artigo é um desmembramento do terceiro capítulo de minha tese de doutorado intitulada *Do silêncio das montanhas ao grito para o mundo; a saga de uma voz insurgente*, cuja defesa foi realizada em dezembro de 2012 no âmbito do Programa de Pós-graduação de Ciência Sociais da Universidade Federal da Bahia (PPGCS/UFBA).

² Na década de 1980, um mexicano urbano chamado Marcos refugiou-se na Selva Lacandona, reduto dos indígenas no sudeste do México, para renovar os seus sonhos de guerrilha. Do seu encontro com os indígenas emergiu o EZLN, e ele se tornou seu porta-voz. No mês de maio, no entanto, ele saiu de cena para dar lugar ao subcomandante Galeano. Mas todos os documentos zapatistas examinados para a produção deste artigo são ainda de quando o subcomandante atendia pelo nome de Marcos, de modo que será este o nome usado aqui.

de 17 comunicados (todos publicados em 1994 e 1995) foi então consultado e compõe o corpus deste trabalho. Mas foram usados, também, entrevistas mais recentes com o subcomandante Marcos feitas por pesquisadores e, ainda, livros e artigos sobre o EZLN.

De 1994 até o momento, o EZLN publicou seis Declarações, cartas para diferentes organizações, como as organizações indígenas, comunicados para a sociedade internacional, para a mídia, para as crianças, poemas e tantos outros escritos.

Para dar cabo à discussão que este artigo propõe, sua estrutura está assim delineada: num primeiro momento, tem-se a apresentação sucinta do EZLN; em seguida, são expostas algumas interpretações analíticas a seu respeito; e, por fim, são trazidas reflexões que têm por base as referências marxistas.

O EZLN, seu Crescente Organizacional e as Negociações Subsequentes

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), ator social contestatário de forte oposição ao capitalismo, fez-se conhecido mundialmente no dia 1º de janeiro de 1994, por meio da ocupação de sete cidades de Chiapas e a enunciação do grito *¡Ya basta!*, proferido contra o ingresso do México no Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), que estabeleceu um mercado livre e sem fronteiras entre o México, o Canadá e os Estados Unidos. O grito *¡Ya basta!* é um pedido de teto, trabalho, educação, terra e saúde, com um reclame de democracia, liberdade e justiça.

A década compreendida entre 1983, ano em que se deu o surgimento da primeira célula político-militar da região da Selva Lacandona, formada por cinco homens e uma mulher, e 1993, quando houve uma consulta ampla a todas as comunidades zapatistas, decidindo-se

pela ofensiva militar que desembocou na aparição pública do EZLN, em 1º de janeiro de 1994, foi um período de preparação, que nas palavras do Exército, se chamou “Crescimento explosivo”.

O grito “Já basta” ecoou da boca de homens e mulheres, cujos rostos estavam sob o paliacate, isto é, lenço colorido, e sob o passa-montanha, que é o gorro negro. Este gorro esconde o rosto e garante ao Exército uma unidade visual, que em sua primeira aparição pública provocou inúmeras perguntas na cabeça dos que não tinham noção do processo organizativo que transcorria nas montanhas e, inesperadamente, no dia 1º de janeiro de 1994, vieram a tomar conhecimento da existência de homens, mulheres e crianças, habitantes de uma selva, no estado de Chiapas, selva esta que não é, vale dizer, “próxima das câmeras” (Kingsnorth, 2006: 20), ou seja, não tinha apelos midiáticos, mas, ainda assim, após o grito dado pelo EZLN, saiu da dimensão de lugar totalmente desconhecido e tornou-se rapidamente um assunto nos noticiários do México e também de outras partes do mundo.

Dentre as possibilidades analíticas que o uso do passa-montanha inspira, está a constatação de que os zapatistas “esconderam” o rosto, ocultaram os traços dados pelo fenótipo e guardaram a fisionomia num pano “opaco”, o qual, acrescido de uma voz singularmente contestatária, arremessou interrogações perturbadoras no mundo e acabou por construir um elo com as inúmeras caras dos desfavorecidos, de modo que o subcomandante Marcos, “falando de si” no comunicado “O conto de Antônio”, diz:

[...] Marcos é um gay em São Francisco, negro na África do Sul, um asiático na Europa, chicano em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, bagunceiro em Neza, roqueiro na cidade

universitária, judeu na Alemanha, ombudsman em Sedena, feminista nos partidos políticos, comunista após a guerra fria, prisioneiro em Cintalapa, pacifista na Bósnia, Mapuche nos Andes professor da CNTE, artista sem galeria nem portfólio, dona de casa num sábado à noite não importa em qual bairro, em qual vila, em qual México, guerrilheiro no México do fim do século XX, grevista na CTM, jornalista sem prestígio nas páginas interiores, machista no movimento feminista, mulher sozinha na estação do metrô às dez horas da noite, aposentado que faz piquete no Zócalo, camponês sem terra, editor marginal, operário desempregado, médico sem gabinete, estudante inconformado, dissidente do neoliberalismo, escritor sem livros ou leitores, e, claro, zapatista do Sudeste mexicano. Finalmente, Marcos é um ser humano qualquer deste mundo. Marcos é todas as minorias não toleradas, oprimidas, que resistem, que exploram e dizem “basta”. Tudo que é minoria no momento de falar e maioria no momento de calar e de sofrer. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, tudo isso é Marcos, um zapatista no sudeste mexicano. (Comunicado “O conto de Antonio”, ¡Ya Basta!, 1994: 284)

Nota-se, portanto, neste depoimento a vinculação do EZLN com o universo dos despossuídos³ e fragilizados, seja materialmente, seja emocionalmente. Depois da insurgência do EZLN, em 1º de janeiro de 1994, o governo, no dia 12 de janeiro, declarou unilateralmente um cessar-fogo, enquanto o EZLN solicitava ser visto como uma força beligerante: “Nós perseguimos o combate até obtermos a liberdade, que é nosso direito, a democracia

que é nossa razão e a justiça que é nossa vida”.⁴

O esforço zapatista esteve todo o tempo empregado no sentido de sublinhar a justiça da luta por eles “desencadeada”, na medida em que os zapatistas são uma resposta ao esquecimento ao qual ficaram submetidos por séculos.

Hoje, 12 de janeiro de 1994, nós soubemos que o senhor Carlos Salinas de Gortari, em sua qualidade de chefe supremo do Exército federal, ordenou às suas tropas para cessarem fogo. [...] O Comité Clandestino Revolucionário Indígena, o Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional saúdam a decisão do senhor Salinas de Gortari e ver um primeiro passo em direção à abertura do diálogo entre os beligerantes. [...] Nossa luta é justa e verídica, ela não responde a interesses pessoais, mas ao cuidado com a liberdade de todo o povo mexicano em geral e do povo indígena em particular. Nós queremos a justiça e iremos adiante porque em nossos corações vive a esperança. (Comunicado “Sobre o cessar-fogo”, ¡Ya basta!, 1994: 78).

Assim o EZLN respondeu ao cessar-fogo acionado pelo governo, dizendo ainda que não deixaria as armas e não se renderia a nenhum mau governo. A partir de propostas dos zapatistas e pressões da sociedade civil, o governo concordou em “dialogar” com o EZLN. Foi criada a Comissão de Mediação para a qual o EZLN indicou como mediador o bispo de San Cristóbal de Las Casas, Don Samuel Ruiz García, que tinha uma forte ligação com a Teologia da Libertação.

Em 1996, ou seja, passados dois

³ Esta terminologia é adotada neste artigo para traduzir os sujeitos que sentem qualquer tipo de despertamento social, os quais aparecem como “desprovidos” no discurso zapatista.

⁴ Extraído do comunicado “Chamada a todos os mexicanos” (¡Ya basta!, 1994: 106).

anos da insurgência, foi assinado o *Acordos de San Andrés* entre os zapatistas e o governo mexicano e para reforçar este acordo foi elaborado o projeto de lei pela Comisión de Concordia y Pacificación (COCOPA). O *Acordos de San Andrés* foi construído por meio de um processo que contou com a composição de mesas de negociação, a saber: *Direitos e Cultura Indígena, Democracia e Justiça, Bem-estar e Desenvolvimento, Mulheres, Reconciliação em Chiapas e Fim das Hostilidades*, e tinha como propósito alterar a Constituição para que os direitos fundamentais dos indígenas fossem reconhecidos.

Mas o cumprimento destes pactos não aconteceu. As negociações de paz entre o EZLN e o governo federal mexicano foram interrompidas em setembro de 1997, devido às grandes divergências na mesa de diálogo sobre *Democracia e Justiça*.

Desde sua insurgência, o EZLN continua firme em suas pautas, oscilando momentos de aparição pública com o de retraimento, tendo realizado importantes eventos e marchas pelo México, as quais contaram com a participação de grandes nomes da intelectualidade, a exemplo do pensador francês Alain Touraine. A última grande aparição do EZLN aconteceu em dezembro de 2012, através de uma marcha absolutamente silenciosa. É sabido que a palavra ocupa um importante lugar nas ações políticas do EZLN, de modo que a decisão do silêncio tem propósito político.

Vale dizer que Bernard Duterme (2014), ao pautar a extensa durabilidade do EZLN, comunica que o balanço que os zapatistas fizeram deles mesmos, depois de 20 anos da insurgência, é majoritariamente positivo. Para o autor, o senso de autonomia do EZLN e sua proposta radical de democracia são grandes legados, ainda que os zapatistas e o Estado mexicano não tenham chegado aos acordos desejados.

Atualmente, o mote que aparece com

mais frequência nos artigos sobre o EZLN diz respeito à capacidade de permanência e continuidade do movimento, que mesmo tendo reduzido significativamente suas aparições, persiste enquanto ator social contestatório, dotado de um discurso que ativistas de todas as partes do mundo se interessam em escutar.

Além disso, vale mencionar a experiência da Escola Zapatista, que, segundo Amaury Ghijsselings (2014), implica uma iniciativa pedagógica inédita na trajetória zapatista, pois se trata da abertura dos Caracóis para o horizonte da educação popular mais detida. Voltada para sujeitos críticos que enxergam no zapatismo uma referência de luta pela justiça social, a *escuelita* (como se chama a vivência formativa), segundo Ghijsselings, tem o poder de inspirar movimentos sociais europeus.

Alguns Esforços Interpretativos

O EZLN, embora contenha uma forte referência étnica, não deve ser associado de imediato a um movimento social que se relaciona prioritariamente com questões identitárias, pois os zapatistas abarcam pautas que estão para além das demandas indígenas. Em seu repertório de luta há a indicação de diferentes problemáticas que afetam a sociedade mexicana, desde a falta de moradia à escassez de salas de aula, de modo que se existe um traço unitário que vincula os zapatistas, esta é a condição de despossuídos.

Desde que o grito *¡Ya basta!* ecoou – sua emissão ano passado completou 20 anos –, o EZLN prossegue sendo uma força política que demanda reflexões acerca de seu modo organizacional e sua forma particular de intervir na construção da realidade, na medida em que elegeu a comunicação como vetor importante, e assim conseguiu se constituir como *sujeito falante* no espaço público mexicano e mundial, falando em nome de todos os

despossuídos.

Antônio da Silva Câmara lembra que a grande parte dos estudos voltados ao zapatismo busca entender as causas que teriam dado origem ao levante em janeiro de 1994 na região de Chiapas. Ele afirma que uma multiplicidade de causas é apontada pelos diversos autores: alguns buscam entendê-las a partir da própria história do México, e muitos são os que compreendem que as raízes da rebelião se encontrariam na própria história de exclusão dos indígenas.

Câmara verifica que o EZLN provoca certo incômodo nos intelectuais, na medida em que os obriga a posicionarem-se diante da rebelião, ao mesmo tempo em que testa a ideologia pós-moderna que não comporta movimentos de caráter revolucionário, herdeiros do pensamento utópico.

[...] encontra-se um grupo significativo de autores, às vezes até mesmo influenciados, em certos aspectos, pelo debate discursivo modernidade/pós-modernidade que concebem o movimento de Chiapas como um novo capítulo da luta contra a opressão social, compreendida classicamente apenas enquanto subordinação de classe, aportando enquanto novidade a participação dos indígenas enquanto verdadeiros sujeitos sociais, locais e universais ao mesmo tempo. O ideário do EZLN que não pretende a destruição do Estado mexicano, mas sim o respeito à autonomia indígena e o fim da exploração e da miséria social, o diferencia dos movimentos nacionalistas europeus e indicam novas possibilidades na resolução dos conflitos originários das formas de subordinação desenvolvidas na sociedade capitalista, por isto estas análises, mesmo apresentando, em alguns casos, certas incongruências teóricas, são ricas e abrem novos horizontes para o estudo dos movimentos classistas e étnicos.

(Câmara, 2000: 1)

A investigação acerca do EZLN feita por Yvon Le Bot, que em suas pesquisas realizou uma longa entrevista com o subcomandante Marcos, permite uma leitura do EZLN como o resultado de um desenvolvimento crescente de mobilização vivenciada no seio da população indígena, sendo o zapatismo, segundo ele, uma mistura de motivos religiosos, econômicos e políticos (Le Bot, 1997: 39). Ele diz ainda que o processo educativo vivido na Selva Lacandona foi importante para a edificação do movimento, mas são as mudanças religiosas e as lutas sociais as duas entradas necessárias à compreensão da gênese do zapatismo.

A mobilização, que se efetivou no seio da vida indígena antes da insurgência do EZLN e para a qual Le Bot direciona o olhar, também é considerada nos estudos feitos por Jérôme Baschet (2005). Este autor afirma que não podemos reduzir o EZLN à personalidade do subcomandante Marcos, nem muito menos deixar de compreender que o zapatismo não nasceu em janeiro de 1994, pois há em torno dele e antes dele um amplo e forte movimento social desenvolvido pelos camponeses indígenas, sendo este um movimento que conta com aproximadamente 20 anos de luta e experiência.

Na entrevista publicada no livro *Zapatistas: a velocidade do sonho*, de Pedro Ortiz, Marco Brige e Rogério Ferrari, o subcomandante Marcos fala que o EZLN “tem duas raízes: um grupo político-militar urbano e uma organização indígena” (Marcos *apud* Ortiz, Brige & Ferrari, 2006: 167).

Esta afirmativa confirma, então, que a característica indígena é um dos traços do movimento, mas, como já foi dito, o zapatismo não se compõe como uma contestação exclusivamente indígena, e um dos comunicados zapatistas que

anunciam isto diz assim: “A luta do EZLN não é somente dos zapatistas, nem dos chiapanescos, nem dos indígenas. É de todos os mexicanos, daqueles que não têm nada, dos desprovidos, da maioria entregue à miséria, à ignorância, à morte”.⁵

Outra confirmação desta ideia aparece na “Carta a um jornalista honesto”, assinada pelos zapatistas, e na qual está expresso: “Se diz a verdade e procura a justiça, é zapatista, então, somos todos zapatistas” (¡Ya basta!, 1994: 143).

Vale dizer que em relação ao vasto conteúdo indígena que contorna o EZLN, Le Bot chama a atenção para o lugar da cultura maia na construção do movimento, pois, embora ela seja bastante presente enquanto fonte de conhecimento, segundo ele, os zapatistas não reivindicam uma especificidade maia, ou seja, não pretendem edificar uma nação sobre uma base étnica, pelo contrário, fazem uma afirmação insistente da mexicanidade. “Os zapatistas se querem resolutivamente mexicanos, indígenas mexicanos” (Le Bot, 1997: 85).

Baschet (2005) informa que o EZLN entrelaça os componentes étnico, nacional e internacional, pois a um só tempo contém uma forte referência indígena, exige exaustivamente que se faça a superação do modelo Estado-partido, vivido no México – na medida em que o Partido Revolucionário Institucional (PRI) se perpetuou na presidência do país por sete décadas – e se opõe explicitamente ao neoliberalismo, configurando-se como um ator antissistema. Nas palavras dos próprios zapatistas está dito: “O EZLN é uma realidade política e militar em nível regional, nacional e internacional”.⁶

A terminologia *Novos Movimentos Sociais* (NMS) é uma das mais usadas,

atualmente, quando se fala em mobilização social, e essa nomenclatura é indissociável das mobilizações contestatórias que surgiram no final dos anos 1960 e extrapolaram a esfera industrial (Neveu, 2002; Fillieule, Mathieu & Péchu, 2009), e quando se assinala isto, estamos a evidenciar que, atualmente, os movimentos sociais não se identificam puramente com a classificação de movimento operário (Touraine, 1999).

Em contato com esta referência, Melucci (2001) diz que as mobilizações contemporâneas estariam, então, relacionadas ao feminismo, consumo, aos movimentos regionais e estudantis, movimentos da contracultura jovem, movimentos anti-institucionais, à ecologia e às lutas desencadeadas por imigrantes.

Mas ainda que este seu mapeamento porte algum sentido orientador e ajude na realização de um debate sobre as características dos movimentos sociais na sociedade contemporânea, uma vez tomando-o como roteiro de análise, deve se levar em consideração que, se antes, os movimentos contestatórios se centravam quase que exclusivamente em reivindicações de caráter classista, sendo este praticamente a única variável que interferia na definição da identidade, e por isto os movimentos sociais, em sua grande maioria, se voltavam à incessante busca pela ampliação de renda, garantia da seguridade social e outras conquistas de caráter estrutural, como o direito à saúde e à moradia, hoje, ainda que se note uma diversidade de quereres sendo exercitada, as reivindicações não deixam de dizer respeito à dimensão de classe.

A novidade, segundo José Maurício Domingues, é que existe uma amplitude

⁵ Extraído do comunicado “Respeito aos direitos do homem e falsos testemunhos” (¡Ya basta!, 1994: 136).

⁶ Extraído do comunicado “Precisões para o diálogo” (¡Ya basta!, 1994:126).

temática perpassando-as. Este autor compreende que os movimentos contra a pobreza, por exemplo, continuam existindo e chama a atenção para o espírito de rede.

Embora as classes tenham perdido a proeminência de que desfrutavam tanto do discurso político quanto no sociológico, movimentos contra a pobreza e a “exclusão” vêm se reconstituindo em muitos países, caracterizando muito da crítica social da terceira fase da modernidade e sendo amiúde marcados igualmente por um espírito de rede como forma de organização e autodefinição. (Domingues, 2002: 211)

Carlos A. Gadea alerta para a permanência na contemporaneidade de alguns elementos comuns à luta social que antecedem o novo perfil dos movimentos, o qual se configura mediante reivindicações mais conectadas com o exercício da subjetividade, mas ao mesmo tempo alerta também para a necessidade de ultrapassar “toda uma tradição sociológica que vai desde o marxismo clássico à teoria do sistema-mundo, em que a ‘liberdade dos atores’ parecia submetida ao determinismo da alienação econômica” (Gadea, 2008: 501).

Atento para a ruptura com os movimentos antigos, Neveu (2002) especifica tal ruptura dizendo que ela pode ser notada em quatro dimensões, a saber: formas de organização e repertórios de ação, valores e reivindicações que acompanham a mobilização, relação com a política e identidade dos atores. A alteração ocorrida nestes eixos, segundo ele, traz como principais desdobramentos: a destituição da expressão “classe operária” como o único recurso identitário contido num movimento, estruturas mais descentralizadas, emergência do corpo como pauta política e outras modalidades de enfrentamento das forças antagônicas.

Sendo assim, os contornos da ação coletiva, em virtude das novas clivagens que povoam a sociedade contemporânea, estão a demandar outras abordagens teóricas. Contudo, há de se ter cuidado com alguns excessos que vêm sendo cometidos quando são as novas clivagens objeto de observação, pois alguns estudiosos têm se voltado à pesquisa acerca dos movimentos sociais, tomando como ponto de partida o abandono total de formulações anteriores, por acreditarem que elas não mais contribuem na construção de respostas.

A teoria *Novos Movimentos Sociais*, em termos de componente novo, traz para a abordagem dos movimentos sociais “uma nova forma de fazer política e a politização de novos temas” (Touraine, 1999: 124), além do deslocamento do lugar do sujeito; caracteriza-se pela mudança do eixo das demandas para um patamar mais cultural.

Entretanto, para Maria da Glória Gohn (2006), esta teoria está incompleta, pois os conceitos que lhe dão base não estão suficientemente explicitados, e o que se tem é um diagnóstico das manifestações coletivas contemporâneas, de modo que reorienta categorias já usadas anteriormente e desloca a ênfase de uma lógica racional do sistema, comum às análises marxistas, para uma lógica de racionalidade dos indivíduos.

Conforme Gohn, as primeiras referências a ações coletivas e movimentos sociais datam de 1957, e daí em diante as investigações teóricas transitaram pelas mais diferentes percepções, de modo que há desde registros de uma abordagem mais instrumental, que analisou os movimentos a partir do binômio integração/funcionalismo, à realização de um conjunto de observações que tem se preocupado em envolver mais amplamente o universo de relações que diz respeito aos movimentos sociais, a exemplo dos campos de força, da identidade e da tessitura de redes.

Em sua obra *Teorias dos movimentos*

sociais, a autora passa em revista os principais paradigmas usados para compreender os movimentos, e faz isso munida da certeza de que “não há um conceito sobre movimento social mas vários, conforme o paradigma utilizado” (Gohn, 2006: 13). Além deste pressuposto, Gohn se equipa de mais outro: a América do Norte, a Europa e a América Latina possuem contextos históricos específicos, e lutas e movimentos sociais correspondentes a eles. Logo, existem diferentes metodologias voltadas ao estudo dos movimentos sociais.

O escritor mexicano Carlos Fuentes e a mídia internacional classificaram o movimento como a primeira guerrilha pós-comunista e pós-moderna⁷ do mundo. Mas, o subcomandante Marcos responde a esta fala informando que não se trata de uma guerrilha moderna, nem pós-moderna, mas, sobretudo, um sintoma daquilo que se passa no mundo.

Afirmando que o EZLN é um sintoma do que se passa no mundo, o subcomandante considera os zapatistas como os “representantes” de todos aqueles que lutam para ter uma vida decente onde vivem, e este seu pensamento, quando confrontado com o debate acerca do reconhecimento da diferença e da participação igualitária no espaço público, desenvolvido por Fraser (2000), autora que faz um chamado para as políticas urgentes de reconhecimento da diferença, vem a revelar um ator social que em suas reivindicações reúne o particular e o universal.

Le Bot (1997) pontua que os zapatistas não querem ser tratados como cidadãos como os outros, conforme preconiza a democracia formal, e nem como cidadãos diferentes dos outros, mas, sim, como cidadãos com suas diferenças, numa perspectiva da democracia plural.

Esse autor contribui ainda para a reflexão aqui desenvolvida, ao informar que sob o ângulo político-militar a força militar do movimento zapatista estaria mais para o cumprimento de uma dimensão simbólica do que para a construção de uma referência bélica.

Para ele, o EZLN não se constitui como uma guerrilha e nem muito menos é o relançamento de uma antiga guerrilha; ao contrário, nasce do fracasso deste modelo de luta revolucionária (Le Bot, 1997: 69). Contudo, embora Le Bot localize o aspecto da guerrilha na composição do EZLN, de um modo que deixa sugerido que os zapatistas se relacionam com esta prática somente pelo viés da influência, ou seja, apenas toma como inspiração este tipo de atuação política, é preciso ter em mente que, em virtude da insurgência, os zapatistas realmente travaram no plano militar uma luta contra o Exército mexicano, e uma luta desigual, posto que o armamento zapatista, em termos de quantidade e potência, é consideravelmente menos sofisticado do que o empregado pelo Exército mexicano.

Um elemento que o leva a demarcar esta distinção é a relação dos zapatistas com o poder, pois, segundo Le Bot, enquanto “as guerrilhas revolucionárias dos últimos decênios, na América Latina, tinham em comum – todas sem exceção – o objetivo de tomarem o poder do Estado, por meio das armas” (Le Bot, 1997: 71), os zapatistas afirmam não quererem ocupar o poder e desejam ser soldados desnecessários. Afinal, a existência deles significa a inexistência da justiça social, de modo que, para materializá-la, eles precisam lutar.

Para Yúdice, os zapatistas realizam uma insurgência que desestabiliza o *status quo* e instala uma possibilidade de repensar a política e a cultura no México. Ele também

⁷ Não se pretende fazer aqui nenhuma grande problematização acerca da modernidade e/ou pós-modernidade, mas trazer este comentário feito por um escritor mexicano bastante conhecido.

pontua que os zapatistas não são “um exército guerrilheiro no estilo convencional latino-americano, como os rebeldes de Castro, os sandinistas, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional de El Salvador, ou mesmo o Sendero Luminoso” (Yúdice, 200: 444-445). Para ele, trata-se de um movimento que é muito mais do que um combate armado, é um movimento que conseguiu abrir um espaço para comunicar seu projeto de sociedade.

Le Bot (1997) e Yúdice (2000) fazem questão de demarcar as diferenças entre o EZLN e as guerrilhas porque, de um modo geral, nota-se um ímpeto, por parte sobretudo da mídia mexicana em classificar o EZLN como uma guerrilha, talvez porque se trate de um movimento surgido na América Latina e que usou armas em sua insurgência, mas o próprio EZLN no comunicado “Quem vai nos perdoar” diz não seguir os modelos dos chefes das guerrilhas anteriores.⁸ No comunicado “Chamada para todos os mexicanos” estão valorizadas todas as formas de luta pela liberdade, pela democracia e pela justiça, e o EZLN afirma que não tem pretensões de ser uma vanguarda histórica.

A verdade é que nós nos organizamos assim porque nós não fizemos de outra maneira. O EZLN saúda o desenvolvimento honesto e consequente de todas as organizações independentes e progressistas que lutam pela liberdade, pela democracia e pela justiça para a Pátria inteira. Existe e existirão outras armas populares. Nós não pretendemos ser a vanguarda histórica, uma, única e verdadeira. Nós não temos a pretensão de juntar sob nossa bandeira zapatista todos os mexicanos honestos. Nós oferecemos nossa bandeira. Mas existe uma bandeira maior e mais pulsante que pode

acolher todos nós. A bandeira de um movimento nacional revolucionário que daria lugar às mais diversas tendências, aos pensamentos mais variados, às diferentes maneiras de lutar, mas que representariam uma única vontade, um único objetivo: liberdade, democracia, justiça. (¡Ya basta!, 1994: 105)

Reflexões com Base nas Referências Marxistas

Nas palavras do subcomandante Marcos uma das descrições do EZLN é esta: um pequeno grupo urbano que se aproximou dos indígenas de Chiapas; este grupo tinha orientação marxista-leninista com perfil de organização clandestina, constituído por pessoas de classe média, as quais eram adeptas do trabalho político e detentoras do projeto de um dia aderirem à luta armada, na medida em que se deparou com o fechamento de todas as alternativas políticas ocasionado pelo monopólio do poder durante décadas pelo PRI.

Tal grupo buscava um espaço para se preparar militarmente, enquanto os indígenas, por sua vez, haviam chegado à conclusão de que a via pacífica para a transformação do país estava esgotada, e da conjunção destes dois grupos, ambos insatisfeitos com os rumos do México, surgiu, em novembro de 1983, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Vale retomar o comentário do subcomandante acerca da orientação marxista-leninista à luz das reflexões tecidas por Le Bot (1997), na medida em que este autor sinaliza para uma observação nesse sentido. É que para ele a substituição das categorias *socialismo*, *luta de classes* e *ditadura do proletariado* pelas categorias *democracia*, *justiça* e *liberdade*, por parte do EZLN, é mais que uma reformulação,

⁸ Extraído do comunicado “Quem vai nos perdoar?” (¡Ya basta!, 1994: 94).

menos que uma ruptura revolucionária e estaria, portanto, mais alinhada ao que pode se chamar de uma passagem. Le Bot diz ainda que os zapatistas buscam compor uma democracia plural, começando pelo fim da ditadura exercida pelo PRI e a deposição do presidente Carlos Salinas de Gortari,⁹ de modo que eles exigem um governo de transição e a abertura de um espaço político.

A esta reflexão convém agregar o comentário feito por Marcos em sua entrevista a Le Bot na qual expressa que os teóricos do zapatismo são todos aqueles que contribuíram para a construção de uma nova abordagem do mundo. Marcos esclarece: “ser marxista não é um pecado, mas ser de esquerda ou ser revolucionário significa estar sempre em movimento e se renovar continuamente, eu acredito que o zapatismo é revolucionário e lógico com ele mesmo. Agente chama isto como quiser: marxismo, antimarxismo, revisionismo, reformismo...” (Marcos *apud* Le Bot, 1997: 266-267). Marcos pontua ainda que “o zapatismo contribuiu para desconstruir muitos esquemas, não pela via intelectual, mas pela ação, pelo movimento” (Marcos *apud* Le Bot, 1997: 270-271). Logo, fica muito evidente que na perspectiva do subcomandante o EZLN convoca para uma revisão de muitas categorias de análise política.

Considerando o que diz Le Bot (1997: 83): “a condução dos zapatistas desconserta os dogmáticos e confunde as classificações”, é de se imaginar que as leituras científicas lançadas em torno do EZLN gerem todo tipo de inferência, tendendo inclusive a um esforço de verificação no sentido de observar em

que grau seu encaminhamento guarda referências do marxismo e em que grau avança em relação a estes.

Lembremos que para Marx e Engels (1848) toda luta de classe é uma luta política, e a história de todas as sociedades existentes é a história das lutas de classes, a qual envolve antagonismos de diferentes ordens. No que tange ao camponês, é importante salientar que Marx diz que os camponeses, por viverem em condições econômicas que os separam uns dos outros, e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, compõem uma classe.

Contudo, se só existe entre os pequenos camponeses um elo local e a semelhança entre eles, e não se cria entre eles uma comunidade, nem também uma ligação nacional, nenhuma organização política, neste sentido, os camponeses não constituem uma classe. Este aparente paradoxo diz respeito a uma existência material e uma inexistência de uma consciência de classe, de modo que o campesinato não seria uma classe para si, apesar de usufruir dos atributos de uma classe.

Entretanto, cabe frisar que o camponês manobrado do bonapartismo não equivale ao camponês de Chiapas. Em outras palavras, o zapatista não é o francês do 18 Brumário, mas sim o camponês organizado em *ejidos*, unidades comunitárias que vinham sendo desmontados mesmo antes de 1994. Lembrando que os zapatistas retomam a cosmogonia indígena da apropriação coletiva, questionam a fragmentação em parcelas, tomando como referência o princípio de Zapata de que a

⁹ Salinas foi eleito em 1988 num pleito cujo resultado foi bastante contestado pela oposição democrática. Ele assumiu a presidência, tendo como sua agremiação política o PRI, partido que governou o México, conforme já foi mencionado, por um período de 71 anos ininterruptos, tempo que os zapatistas chamam de ditadura e contra a qual se posicionam.

terra é de quem nela trabalha, conforme eles afirmam no comunicado “Resposta à proposição de acordo de paz do governo supremo”.¹⁰

Nos *Manuscritos Económico-Filosóficos*, Marx salienta que os ciclos económicos ocasionam diferentes efeitos sobre as distintas classes sociais. Apanhando este indicativo, é pertinente, no entanto, considerar que em se tratando do EZLN, verifica-se que há uma aliança de classes e grupos sociais numa mesma frente política, configurando, portanto, uma força política que integra diferentes segmentos sociais, conforme evidencia o Comunicado “Precisões sobre o EZLN e condições de um diálogo”, cujo um dos trechos segue abaixo:

As graves condições de pobreza de nossos compatriotas não têm outra causa, senão: a ausência de liberdade e de democracia. Nós consideramos que o respeito real das liberdades e da vontade democrática do povo é a condição indispensável de uma melhoria do estado económico e social dos despossuídos do nosso país. Por esta razão, da mesma forma que nós agitamos a bandeira da melhoria das condições de vida do povo mexicano, nós exigimos a liberdade e a democracia política, a demissão do governo ilegítimo de Carlos Salinas de Gortari, assim como a formação de um governo de transição democrática que garanta eleições honestas em todo o país e em todos os níveis do governo. Nós reafirmamos a atualidade de nossas reivindicações políticas e económicas em torno das quais nós queremos juntar todo o povo do México e suas organizações independentes, para que através de todas as formas de luta, nasça um movimento nacional

revolucionário passível de acolher todas as formas de organização social que se proponham, com honestidade e patriotismo, melhorar nosso México. (Comunicado “Precisões sobre o EZLN e condições de um diálogo – ¡Ya basta!, 1994: 64-65)

Fica evidente que o ideário político e social do EZLN apresenta características semelhantes àquelas analisadas por Marx na sociedade capitalista ocidental. Afinal, o zapatismo compõe-se também como uma luta classista, na medida em que, como já foi mencionado, abarca sob sua bandeira todos os despossuídos. Eles dizem: “Três forças devem unir os passos: a força dos operários, a força dos camponeses, a força popular. Estas três forças conosco, nada irá nos parar”.¹¹ Além disto, os zapatistas defendem a autonomia política, se opõem ao governo e se indignam com a inexistência da liberdade e da democracia, apontando tais ausências como as causas da pobreza que alastra o México.

Segundo Vásquez (1998: 29), o pensamento marxista guarda quatro importantes dimensões, a saber: “teoria da realidade, crítica do existente, projeto de emancipação e imperativo político de transformar o mundo”. Ele faz esta afirmativa, tomando como ponto de partida *O manifesto comunista*, cujas páginas, segundo Vásquez, trazem a vocação prática da revolução e um conteúdo eminentemente programático. Ele diz ainda que o manifesto continua sendo um texto político vivo, e isso pode ser realmente comprovado, a partir das correspondências percebidas entre o EZLN e as camadas da teoria marxista. Abaixo o fragmento de um dos comunicados zapatistas:

¹⁰ Disponível em <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>

¹¹ Extraído do comunicado “A injustiça porta um novo nome: neoliberalismo” (¡Ya basta!, 1994: 268).

O trabalho coletivo, o pensamento democrático, a submissão à voz da maioria são uma tradição na zona indígena, eles são a única chance de sobrevivência, de resistência, de preservação da dignidade e da revolta. Estes “pensamentos errados”, aos olhos dos proprietários da terra e dos comerciantes, vão ao encontro do preceito capitalista que diz “muito em poucas mãos”. (Comunicado “Chiapas: O sudeste está em dois ventos, um trovão e uma profecia” – ¡Ya basta!, 1994: 56)

Os zapatistas, contudo, não se identificam com a ideia de que a desejada nova sociedade será resultado do cumprimento de um passo a passo pré-estabelecido, conforme aparece na concepção marxista de mudança social, que sugere a tomada da produção das mãos da burguesia e sua centralização temporária nas mãos do Estado, deslocamento este que só se realizaria, a princípio, através de uma violação despótica do direito de propriedade e das relações de produção burguesa, alterando desta forma todo o modo de produção.

Deduz-se que esta concepção revolucionária imputa ao povo um papel bastante determinado, de modo que se dele vem a sublevação, cabe à elite intelectual e política a interpretação do sentido da história, a submissão das práticas sociais à razão e à realização do progresso. Nestes termos, lembremos o que Marx (1989) nos fala na *Ideologia alemã*: “todos os homens devem ter condições de viver para poder ‘fazer a história’” (Marx, 1989: 22). E este apelo indubitavelmente é um dos que orientam os zapatistas.

A contribuição de Baschet no que toca à interseção do EZLN com o marxismo passa, sobretudo pela afirmativa de que o EZLN abandona a ideia de ditadura do proletariado, na medida em que não enxerga o proletariado como um ator revolucionário

exclusivo; Baschet acredita que os zapatistas propõem uma reformulação crítica da noção de revolução (Baschet, 2005: 91).

O autor faz esta consideração, em virtude da fala de Marcos de que o EZLN não quer uma revolução ortodoxa, mas sim alguma coisa mais difícil. Por isso, para Baschet, “a fisionomia própria do zapatismo não poderá se construir se não sobre uma base de trabalho que permite uma explícita reapropriação crítica, seletiva e refletida do marxismo” (Baschet, 2005: 97).

É importante deixar dito que a região de Chiapas, onde está o EZLN, comunica para o mundo um contrapoder popular, o qual se revela, através dos Caracóis, dos Municípios Autônomos e das Juntas de Bom Governo Revolucionários Zapatistas. Os Caracóis são “territórios liberados” da lógica capitalista dominante, com novos modos de convivência social, funcionam como células locais, com uma gestão de autogoverno.

Em sua fachada está escrito: “aqui o povo manda e o governo obedece”, o que implica no exercício de uma nova forma de gestionar assuntos públicos. Segundo Le Bot, os zapatistas não querem uma reorganização política, eles almejam uma alteração da cultura política, uma inversão da pirâmide do poder.

Alain Touraine, por sua vez, lança mão de enunciados que problematizam o modelo de construção rumo a uma nova sociedade, conforme está descrito nos apontamentos marxistas. Ele diz que no passado a ação política popular foi concebida como “portador de uma lógica positiva, como colocado no movimento da história, porque ele era comunidade, trabalho, energia ou povo, contra os atores dominantes que defendiam interesses particulares, privilégios ou lucros” (Touraine, 1999: 114).

Acreditava-se que a vitória desse ator popular devia representar a reconciliação

da sociedade consigo mesma, a superação das contradições, o júbilo da igualdade, da fraternidade e da justiça, de modo que quanto maior a infelicidade dos dominados, mais necessária era a violência revolucionária para fazer emergir a unidade do povo. Touraine informa que foi esta a mensagem de todas as revoluções, desde a Convenção na França até a revolução mexicana, passando pela revolução cubana e pela revolução cultural chinesa.

Quando o subcomandante Marcos reivindica o direito à indefinição, está dado o informe sobre o manejo libertário que o EZLN faz das concepções de revolução que o mundo conhece. Lembremos que o próprio Marx (1848) disse: ao longo do tempo, vivem-se novas divisões, novas condições de opressão e novas formas de luta.

Portanto, é possível encontrar vias revolucionárias de superação da opressão que não reproduzem integralmente as orientações arroladas, por exemplo, em *O manifesto comunista*. Vale dizer que Le Bot (1997) preconiza que o movimento zapatista é um movimento de recomposição a partir de uma distensão irremediável, e não um retorno à tradição; nasceu de múltiplos impasses, divisões e rupturas, reinventa a democracia e não defende o comunitarismo.

Le Bot diz ainda que em um tempo no qual proliferam movimentos de caráter nacionalista, étnicos ou religiosos e também se verifica que as iniciativas em oposição ao neoliberalismo se exprimem, sobretudo, por um viés identitário, o zapatismo aparece como “uma das tentativas mais significativas de combinar identidade, modernidade e democracia” (Le Bot, 1997: 106). Baschet (2005), por sua vez, percebe o EZLN como um movimento que adota uma concepção

de etnicidade aberta, articulada à dimensão social e englobada numa perspectiva vasta, que associa indígenas e não indígenas.

O que fica evidente é que, se olharmos o EZLN a partir da gramática do conflito, nós veremos certas particularidades, sobretudo, em relação aos movimentos de contestação da América Latina e que são, conforme explica Pierre Vayssière (2001), associados à revolução e à guerrilha.

Em sua concepção, o EZLN não está dirigido apenas contra o Estado mexicano, como os movimentos anteriores. “No fundo, este movimento está enraizado com determinação no passado indígena do México que pretende se alargar até a dimensão do mundo globalizado” (Vayssière, 2001: 359). Trata-se de um projeto ambicioso que quer levar em conta não somente os milhões de indígenas, mas os quarenta milhões de pobres e todas as minorias oprimidas: os deficientes, as mulheres, os artistas, os homossexuais, explica Vayssière.

Neste sentido, vale mencionar as contribuições de René Zavaleta (1990) e García Linera (2007). O primeiro pontuando a formação social verdadeiramente ancorada na diversidade, tendo em vista a intersubjetividade e a autodeterminação, e o segundo ressaltando a cosmogonia indígena como uma ruptura da referência de subalternidade, o que fica, segundo ele, muito bem explicitado na Bolívia, cuja realidade bastante particular no que se refere à composição de classes sociais, uma vez observada em profundidade pelo grupo Comunas,¹² permitiu a este a elaboração de apontamentos que agregam ao repertório de reflexões marxistas a extensão de muitas de suas categorias analíticas.

Conclusão

¹² Para saber mais sobre o grupo Comunas, ver Gonçalves (2013).

¹³ Extraído do comunicado “O EZLN e a mídia” (¡Ya basta!, 1994: 161).

Como se observa, o EZLN não se encaixa tão confortavelmente na terminologia dos *Novos Movimentos Sociais* porque suas pautas não estão amplamente centradas nas questões alusivas, por exemplo, à identidade e ao corpo. Além disso, não se nota um deslocamento do coletivo para o sujeito; pelo contrário, suas reivindicações são voltadas essencialmente à dimensão coletiva.

Por outro lado, embora sua trajetória dialogue com algumas interpretações clássicas a respeito das ações implementadas pelos despossuídos, ela as ultrapassa, na medida em que os zapatistas não tomam para si um plano linear de feitura da revolução.

Se buscarmos nas falas proferidas

pelo EZLN indicativos de que a luta zapatista detém aspectos políticos originais, encontramos uma variedade de frases que atestam tal perspectiva, como, por exemplo, esta: “o EZLN é [...] um movimento, cujas origens, na melhor situação, são uma enigma, e, na pior, uma provocação”.¹³

Indiscutivelmente, o EZLN se compõe como um movimento, cujo percurso incentiva a releitura de algumas definições políticas, como as que se encontram ancoradas no arcabouço marxista, por exemplo, na medida em que suas ações portam uma dinâmica nova, mas ao mesmo tempo sinaliza o enfoque restritivo dos novos aportes teóricos que parecem ler a sociedade como se vivêssemos um momento pós-classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baschet, Jérôme. (2005). *La rébellion zapatiste. Insurrection indienne et résistance planétaire*. Paris: Flammarion.
- Câmara, Antônio da Silva. (2000). *A crítica intelectual ao movimento indígena-camponês de Chiapas*. In: II Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Antonio_da_Silva_Camara.htm>. Acesso em 03 dez 2012.
- Duterme, Bernard. (2014). *Zapatisme: la rébellion qui dure*. Disponível em: <<http://www.cetri.be/Zapatisme-la-rebellion-qui-dure?lang=fr>>. Acesso em 03 maio 2014.
- Domingues, José Maurício. (2002). *Interpretação e modernidade: Imaginário e instituições*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Fillieule, Olivier; Mathieu, Lilian & Péchu, Cécile. (2009). *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Politiques.
- Fraser, Nancy. (2000). Rethinking recognition. *New Left Review*, 3.
- Gadea, Carlos A. (2008). O estudo dos movimentos sociais e a esquerda política na América Latina. *Cadernos do CRH*, 21/54, pp. 493-504.
- Ghijsselings, Amaury. (2014). Une petite école zapatiste pour enseigner l'autonomie et la résistance au reste du monde. Disponível em: <<http://cadtm.org/Une-petite-ecole-zapatiste-pour>>. Acesso em 03 maio 2014.
- Gohn, Maria da Glória. (2014). Pluralidade da representação na América Latina. *Sociedade*

e *Estado*, 29/1.

Gohn, Maria da Glória. (2006). *Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola.

Gonçalves, Rodrigo Santaella. (2013). *Intelectuais em movimento: o grupo Comuna na construção hegemônica antineoliberal na Bolívia*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Le Bot, Yvon. (1997). *Sous-commandant Marcos*. Paris: Éditions du Seuil.

Kingsnorth, Paul. (2006). *Um não, muitos sins. Uma viagem aos centros da antiglobalização*. Rio de Janeiro: Record.

Marx, Karl. (s/d). Manuscritos Econômico-Filosóficos, Primeiro Manuscrito, parte final, in Marx/Engels, História, Fernandes, F. (org.), São Paulo: Ed. Ática.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. (2010). *O manifesto comunista*. São Paulo: Paz e Terra.

Marx, Karl. (2008). *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Martin Claret.

Marx, Karl & Engels, Friedrich. (1989). *A ideologia alemã*. Portugal/Brasil: Martins Fontes (vol. 1, primeira parte).

Melucci, Alberto. (2001). *A invenção do presente*. Petrópolis: Vozes.

Neveu, Erik. (2002). *Sociologie des mouvements sociaux*. Paris: La Découverte.

Ortiz, Pedro; Brige, Marco & Ferrari, Rogério. (2006). *Zapatistas: a velocidade do sonho*. Brasília: Entrelivros/Thesaurus.

Svampa, Maristella & Stefanoni, Pablo (2007). Entrevista a Álvaro García Linera: “Evo simboliza el quiebre de un imaginario restringido a la subalternidad de los indígenas”. In: OSAL (Buenos Aires: CLACSO), VIII/22, setembro.

Touraine, Alain. (1999). *Podemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes.

Vázquez, Adolfo Sánchez. (1998). Significado histórico e atualidade do Manifesto Comunista. In: Almeida, Jorge & Cancelli, Vitória. (org.). *150 anos do Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã.

Vayssière, Pierre. (2001). *Les révolutions d'Amérique Latine*. Paris: Éditions du Seuil.

¡Ya basta! (Tome I). (1996). *Les insurges zapatistes racontent un an de revolte au Chiapas. Sous-commandant Marcos*. Paris: Dagorno.

Yúdice, George. (2000). A globalização da cultura e a nova sociedade civil. In: Alvarez, Sonia; Dagnino, Evelina & Escobar, Arturo (orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Zavaleta Mercado, René. (1990). *El Estado en América Latina*. (Col. Obras Completas, Tomo 3). La Paz/Cochabamba: Editorial Los Amigos del Libro.

Fontes da Internet

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>> Acesso em 25 nov 2014.